



POPULISMO COMO EXPRESSÃO DE AFIRMAÇÃO REGIONAL EM TEMPO DE INCERTEZA

Populism as expressions of regional affirmation in uncertain times

Populismo como expresión de afirmación regional en tiempo de incerteza

Herbert Lins de Albuquerque¹
José Januário de Oliveira Amaral²

Recebido em: Maio de 2018. **Publicado em:** Dezembro de 2018.

Resumo: Este artigo, sob o prisma da Geografia Política, analisa as variantes da legitimação carismática do poder em escala regional na contemporaneidade. O objetivo é identificar os atributos comuns e as distinções do populismo como fenômeno recente em países da América e Europa. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura com levantamento nas bases de dados nos periódicos Capes (artigos disponibilizados na íntegra em português, inglês e espanhol, e publicados em revistas eletrônicas indexadas). O argumento apresentado como justificativa para o trabalho é o personalismo político travestido de populismo que vem se revelando como expressão de gestos, indicando uma carência de argumentos, podendo ser entendido como advento do autoritarismo político e criando um tempo de incertezas.

Palavras-chave: Geografia Política; Poder; Populismo.

Abstract: *This manuscript, from the perspective of Political Geography, analyzes the variants of the charismatic legitimacy of power on a regional scale in contemporary times. The objective is to identify the common between attributes and distinctions of populism as a recent phenomenon in countries from America and Europe. In turn, we carried out a literature review of the theoretical reference and survey in the Capes databases journals (full papers available in Portuguese, English and Spanish, and published in indexed electronic journals). The argument that is meant to justify is that, political personalism transgressed populism is revealed as an expression of gestures indicating a lack of arguments, and can be understood as the advent of political authoritarianism, creating a time of uncertainties.*

Keywords: *Political Geography; Power; Populism.*

¹ Mestre em Geografia PPGG/UNIR. Professor da Prefeitura Municipal de Nova Mamoré, Rondônia. Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Territorial Na Amazônia/UNIR/CNPq. E-mail: herbertvencedor@hotmail.com.

² Pós-Doutorando junto ao Laboratório de Geografia Política, Planejamento Territorial e Ambiental, LABOPLAN/Departamento de Geografia/FFLCH/USP. Líder do Grupo de Pesquisa: Políticas Públicas e Gestão Territorial Na Amazônia/UNIR/CNPq. Prof. Dr. Associado do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia– UNIR. email: januarioamaral10@gmail.com.

Resumen: *Este artículo, bajo el prisma de la Geografía Política, analiza las variantes de la legitimación carismática del poder a escala regional en la contemporaneidad. El objetivo es identificar los atributos comunes y las distinciones del populismo como fenómeno reciente en países de América y Europa. Para ello, una revisión de la literatura se llevó a cabo una encuesta en las bases de datos en revistas Capas (artículos disponibles en su totalidad en Portugués, Inglés y Español, y publicado en revistas indexadas electrónicos). El argumento presentado como justificación para el trabajo es el personalismo político travestido de populismo que viene revelándose como expresión de gestos, indicando una carencia de argumentos, pudiendo ser entendido como advenimiento del autoritarismo político y creando un tiempo de incertidumbres.*

Palabras clave: *Geografía Política; Poder; Populismo.*

INTRODUÇÃO

Em geral, governos de países pobres são autoritários e apresentam índices elevados de corrupção. Isso se deve, provavelmente, a um conjunto de causas: a herança colonial ou a formação histórica mercantilista, em que pese os valores culturais de enriquecer rapidamente, menosprezando os demais indivíduos e até mesmo a nação; as grandes desigualdades sociais, e por último, uma mídia em geral a serviço de interesses ou pouco crítica em relação ao *status quo*, que não altera a realidade social de pobreza na escala local, regional e nacional.

Mudanças relevantes ocorreram nas últimas décadas do século XX no cenário dos países ricos e pobres, em escala mundial. Nesse caso, muitos países sob o regime abertamente ditatoriais cederam lugar ao populismo, que também é uma forma autoritária de governo.

Por sua vez, os países pobres que receberam investimentos externos de capital (modelo tripé), ou seja, associação do capital nacional estatal, privado nacional e estrangeiro, obtiveram um grau de desenvolvimento maior do que outros países classificados como de terceiro mundo.

Dessa forma, os países de modelo tripé de desenvolvimento como o Brasil, Argentina, Venezuela, México, África do Sul, Índia e os Tigres Asiáticos, sofreram uma intensa urbanização e industrialização, passando a representarem a nova fronteira de expansão e acumulação capitalista do sistema mundial. Assim, as transformações foram tantas nesses países que fizeram surgir uma significativa classe média, praticamente inexistente até mesmo nas ditaduras militares escancaradas.

Todavia, os países pobres considerados emergentes passaram por grandes transformações no território político com o fim das ditaduras militares e civis. Por conseguinte, a fragilidade política contribuía para sucessivos golpes de Estado, derrubando

governos que não eram submissos à vontade das elites nacionais, empresas multinacionais e ao capital financeiro rentista e especulativo.

Por sua vez, o autoritarismo permaneceu de forma disfarçada com o grande crescimento populacional devido à intensa urbanização e expansão do exercício do poder (participação social, eleições livres e o voto), dando origem a um fenômeno político baseado no carisma dos governantes, denominado populismo.

Nesse limiar, o presente artigo teve como objetivo a análise das formas contemporâneas de manifestação do populismo, como expressões de afirmação personalista, se baseando na pesquisa bibliográfica e empírica qualitativa, tendo como fundamentação teórica do tema, os conceitos e concepções de Claval (2011; 1979), Castro (2009), Raffestin (1993) e Weber (2005; 2009). De acordo com essas concepções, a hipótese apresentada é que o populismo, como categoria analítica, tende a reforçar o tempo de incertezas que assolam algumas das principais democracias representativas ao redor do planeta.

Para o presente estudo, foi realizada uma revisão de literatura e levantamento na base de dados Periódicos Capes (artigos disponibilizados na íntegra em português, inglês e espanhol, e publicados em revistas eletrônicas indexada). O estudo, sob prisma da Geografia Política, serviu para analisar as variantes da legitimação carismática do poder em escala regional na contemporaneidade em países da América e Europa. A justificativa apresentada é que o personalismo político travestido de populismo se revela como expressão de gestos, indicando uma carência de argumentos, podendo ser entendido como advento do autoritarismo político, criando um tempo de incertezas no mundo.

O advento do populismo

O populismo é um fenômeno crescente nesses últimos anos, estimulado pela grande recessão do capitalismo desde a crise econômica de 2008 e que se arrasta até o presente momento. Por sua vez, aguçou as disparidades de rendas, piorando a qualidade de vida de muitos seres humanos no mundo, atingindo tanto os países ricos como os países pobres.

Nesse limiar, criou em muitos setores da sociedade a ideia de marginalização política da pobreza dependente de políticas públicas do Estado. Tais grupos sociais estão sendo visto como peso para o desenvolvimento efetivo do capitalismo rentista e especulativo em escala regional.

Segundo as concepções de Claval (2011, p. 44), as *elites* de múltiplas escalas sempre foram apreciadoras de narrativas que tratam das formas que assumem as instituições políticas, permitindo observar o contra ponto existente entre a classe burguesa e as classes

populares. Com isso, esta teoria ratifica a noção de que o populismo é sempre visto como um desvio, uma deformação ideológica, uma falsificação da consciência de classe dos trabalhadores (FREDERICO, 1979, p. 121).

Ainda segundo Claval (2011, p. 61-62), para se interpretar uma realidade observável, antes de tudo, se faz necessário compreender como ela é vivida pelos habitantes que contribuíram ou contribuem para modelá-la. Assim, a geograficidade das sociedades deve se voltar para as representações do espaço, a territorialidade e as identidades das populações e para o meio no qual evoluem.

Desse modo, os movimentos políticos personalistas liderados por líderes carismáticos que estão surgindo em escalas regionais, em alguns casos, se assemelham ao caudilho do passado e merecem serem estudados pela Geografia Política (WEBER, 2005, p. 27). Portanto, no populismo, seja ele de esquerda ou de direita, é uma forma inferior de fazer política uma vez que envolve a demagogia e gera incertezas.

Para Touraine (1986), líderes personalistas ganham projeção por oferecer “um mundo de privilégios e poder” aos indivíduos sem expressividade política, direitos sociais e identidade coletiva. Dentro dessa lógica, esse líder se torna um personagem importante no território político por ofertar promessas e soluções de caráter popular, elitista ou aristocrático, com o intuito de ganhar simpatia das massas e com isso seu voto.

Para Claval (1979, p. 13):

O poder nasce também da aptidão de certas pessoas para influenciar aqueles com quem mantêm contato: tornando-se sedutores, convincentes, insistentes, conseguem fazer aceitar seus pontos de vista, provocar dedicações, suscitar apegos. É assim que se destacam, nos grupos, líderes cuja autoridade é reconhecida pela maioria e que chegam a influir no comportamento de todos. (CLAVAL 1979, p. 13).

Todavia, o populismo muitas das vezes toca em nervos sensíveis da sociedade e por essa razão se faz necessário atenção aos seus movimentos nas atuais democracias, pois a recessão econômica em escala regional fez ressurgir esse fenômeno político do líder carismático e caudilhistas.

Nesse caso específico de liderança carismática, apoiado no personalismo político, pode-se entender como primazia de identidade popular com os atributos do líder político, em detrimento dos limites e atribuições para ocupar os espaços de poder. Nas palavras de Lynch (1993), o personalismo é o principal legado do poder exercido pelos caudilhos. Tal ideia assim se define:

El personalismo se traduce en la tendencia popular a guardar mayor lealtad y obediencia al ser que gobierna que al cargo que ostenta. La creencia de que el gobierno y la burocracia deberían aplicar políticas generales de forma imparcial utilizando para ello las instituciones es totalmente ajena a la ideología personalista. (LYNCH, 1993, p. 530).

Com efeito, desde o caudilhismo dos anos 30 do século XX, o fenômeno do populismo reaparece como experiências recentes na América do Sul através dos governos de Hugo Chávez e Nicolas Maduro na Venezuela, Rafael Correa no Equador, Evo Morales na Bolívia, Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil, Cristina Kirchner na Argentina, Michelle Bachelet no Chile e Fernando Lugo no Paraguai.

Dessa forma, quando observado o movimento político dessas lideranças políticas de escala regional, nota-se uma inquietante relação entre o carisma - liderança individual (WEBER, 2009, p. 141) e a tomada de decisões dos governantes sul-americanos. Portanto, com a conformação de um discurso de legitimação dos respectivos governos populistas.

Escala do populismo

O fenômeno político do populismo ressurgiu com muita força nesse início de século XXI nas mais diversas escalas. Neste sentido, ele se manifesta nos países de forma diferente em regiões da Europa Ocidental e Oriental, nos EUA, Ásia e na América Latina.

Tal fenômeno global é resultado de dois processos, nesse caso, o primeiro é de natureza econômica e o segundo, mediante as transformações culturais que vêm ocorrendo nas sociedades, produzindo reações de ódio, racismo e violência - travestidos de xenofobia, ou seja, contra aqueles que vêm de fora. Daí surge a imigração como tema central, sobretudo na Europa e nos EUA.

O populismo ganhou fôlego na Europa nesse início de século, por ser mais exposta aos fluxos migratórios dos países pobres da África e do Oriente Médio - Ásia, ou seja, populações que tentam escapar da extrema miséria ou de áreas de conflitos por disputa de poder – interferências externas por interesses econômicos. Tais fluxos de seres humanos de outras religiões, que não o cristianismo, secularmente se faz presente na Europa, gerando desconfiança pelo predomínio de muçulmanos nessa nova onda migratória, o que provoca resistência nas sociedades dos países de destinos.

Dessa forma, criou-se uma sensação de medo e resistência na convivência pacífica para quem chega aos países acolhedores da Europa e EUA. Esses que migram carregam um sentimento de esperança de construir um novo lar, uma nova vida e conseqüentemente, atingir a felicidade.

Claval (1979, p. 53) esclarece que:

O sistema político que estrutura e domina as sociedades não pode permanecer no vazio, sem contato com a população, sem capacidade para resolver seus problemas e reagir às suas inquietações. Suas relações com os sistemas onde se trocam as notícias devem ser constantes e estreitas: a expressão de uma opinião pública é indispensável ao jogo do governo; ela é bem tolerada desde que a ideologia que veicula reforce sua legitimidade, mas comporta sempre um perigo: correntes críticas podem utilizá-la. Muitos regimes conservadores tentam, portanto, controlá-la ou suprimi-la, e com isso se privam de um dos instrumentos essenciais do poder: perdem contato com a realidade social e correm o risco de não ter consciência das tensões, das aspirações e dos problemas a resolver. (CLAVAL, 1979, p. 53).

Portanto, o fenômeno do populismo pode se manifestar de forma explosiva nos territórios de destino, mediante conflitos que fazem eclodir resultados eleitorais contrários das previsões realizadas pelos mais famosos institutos de pesquisa eleitoral, estudiosos da política e especialistas em campanhas eleitorais.

Recessão Econômica

A recessão econômica do capitalismo que se arrasta desde 2008, em escala global, se assemelha ao *pós-crasch* da queda da Bolsa de Valores de Nova York – Crise de 29 (MAGNOLI, 2011, P. 144), uma vez que fez reaparecer elementos da década de 1930 como a reação social diante da derrocada econômica e o medo do estranho, que se manifestam na atualidade como um tempo de incertezas.

As democracias representativas sustentadas pelos partidos políticos, movimentos sociais e constituições que defendiam o Estado de direito e do bem-estar social, suavizam o populismo. Por sua vez, o fenômeno do neopopulismo pode ser considerado manifestação de uma crise profunda das instituições responsáveis pela mediação de conflitos e interesses das sociedades capitalistas.

Segundo Claval (1979, p. 54), “o regime representativo não tem outra finalidade: dá a cada cidadão o direito de se fazer ouvir pelo poder”. Entretanto, muitos dos representantes eleitos não têm necessariamente a capacidade de ouvir as bases que o elegeram, muito menos o desejo ou a possibilidade de votar como deseja o indivíduo representado.

O convívio em sociedade, com estruturas bem definidas no século XX, possibilitou que os grupos aprendessem a lidar com as crises socioeconômicas e com as democracias

representativas. Tal modelo também demonstra sinais de esgotamento na contemporaneidade.

Todavia, existem duas situações que marcaram a Europa nos últimos cinquenta anos. Primeiramente, foi a chegada do imigrante, ou seja, dos argelinos que chegaram à França e depois, os turcos que chegaram à Alemanha. Desse modo, não levaram a ocorrência de populismo nesse período. Entretanto, fenômenos como *Marine Le Pen*³ na França, *Pegida*⁴ na Alemanha e os que votaram pelo *Brexit*⁵ na Inglaterra, reacendem o desejo por líderes populistas.

Nesse arco histórico, o populismo da década de 1930, materializado pelo *fascismo* e *nazismo* na Europa e o Partido Popular nos EUA⁶, de cunho nacionalista (HOBSBAWAM, 1995, p. 119-120), sempre reaparece nos processos eleitorais, desde o início do século XX. Tal fenômeno que representou no passado uma ameaça à eleição de Theodoro Roosevelt à presidência fez de Donald Trump presidente da maior potência econômica mundial.

Dessa forma, a democracia não é somente uma maneira de conceber governo e sim uma maneira de repensar as relações sociais que transformam as estruturas existentes (CLAVAL, 2011, p. 328). Neste sentido, é possível notar uma falta de percepção das elites dirigentes partidárias dos partidos mais tradicionais com relação aos sentimentos mais profundos e enraizados nos segmentos desfavorecidos da sociedade, inclusive, a própria *classe média*.

Por sua vez, o radicalismo islâmico e a ameaça do terrorismo no presente são diferentes do islamismo moderado dos argelinos e turcos que migraram para França e Alemanha, respectivamente. Dessa forma, os muçulmanos no presente são vistos como uma ameaça permanente pela União Européia.

O medo do convívio com o estranho se agrava com as diferenças culturais. Desse modo, o ódio, o racismo e a violência reaparecem numa dimensão que antes não existia, a

³ É uma advogada e política de extrema-direita da França, Deputada do Parlamento Europeu desde 2004, foi eleita presidente da Frente Nacional em 2011, substituindo a seu pai, Jean-Marie Le Pen que disputou a presidência e derrotado por Jacques Chirac. Ela Foi candidata à presidência da França nas eleições de 2012 e amargou um terceiro lugar. Nos últimos meses vem impondo-se na vida política, obtendo recordes de audiência na televisão, com um talento oratório, adotou temas ligados ao sucesso de seu pai: oposição à imigração, retorno da pena de morte, denúncia da "casta política" e dos "eurocratas" de Bruxelas e a presença e de ser contra a presença de estrangeiros no país.

⁴ Movimento de extrema-direita, racista, xenófobo e islamofóbicos por nome de Patriotas Europeus contra a Islamização do Ocidente (Pegida), transformou-se num partido político, adotando o nome de Partido Popular para a Liberdade e a Democracia Direta.

⁵ A campanha pelo Brexit foi liderada por vários políticos conservadores da Inglaterra e significou o rompimento histórico dos britânicos com a União Europeia. Portanto, expressão que mistura as palavras "Britain" ("Bretanha") e "exit" ("saída") serviu para identificar o movimento de quem estava a favor da saída do Reino Unido da UE.

⁶ Representava os interesses de pequenos proprietários agrícolas do Oeste que lutavam contra o avanço do grande capital no campo.

supremacia branca. Tais fenômenos alimentam expressões de lideranças políticas - envolvendo partidos ou movimentos sociais conservadores nas principais sociedades ocidentais, junto às massas, com iniciativas políticas hostis as instâncias de representação democrática. Desse modo, tanto no passado como no presente, evidencia uma explosão de emergências puramente demagógicas, colocando em risco à estabilidade das instituições democráticas.

O populismo do presente se difere do passado por não vir acompanhado de uma ideologia sólida, a certeza, como o totalitarismo, o imperialismo, ou mesmo na missão civilizadora dos europeus no processo de colonização do novo mundo ou na partilha da África e da Ásia. Entretanto, as versões modernas do populismo se aproximam dos conceitos ideológicos do totalitarismo, como exemplo mais próximo pode ser citado Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria desde 2010 e líder do partido de centro-direita Fidesz - União Cívica Húngara.

Nesse caso, o primeiro-ministro húngaro defende uma democracia liberal, ou seja, respeito às regras da maioria – elege quem tem a maioria dos votos, mas uma vez no poder, o governante não deve sofrer pressão dos demais poderes constituídos e a liberdade de imprensa deve ser limitada. Sendo assim, ambas as ideias representam um contra senso aos princípios democráticos e podem ser vistas como ameaça à democracia, tanto na Hungria como em outros países do mundo.

Neo-Populismo como expressão regional

No presente, as manifestações conservadoras de direita ou de extrema direita nos cenários políticos de escala global, podem ser consideradas como um fenômeno político de categoria neopopulista. Porém, bem distante das características do populismo original em si, ou seja, da definição acadêmica mais tradicional que evoca o poder carismático e traços do autoritarismo (WEBER, 2005, p. 27).

Nesse sentido, apenas o totalitarismo e o preconceito se fazem presentes no neopopulismo. Assim, são capazes de driblar os arranjos institucionais e recorrer ao uso do discurso demagógico às massas, proporcionando uma relação quase *espiritual* entre seus líderes e seus seguidores, que emergem do povo. Desse modo, é como se as emoções atravessassem as mentes dos homens e esse entusiasmo espiritual arrepiasse o mundo (CASSIRER, 2003, p. 315).

Nos marcos do jogo democrático, o fenômeno do neopopulismo só ganha força durante os processos eleitorais e quando o candidato é eleito. Portanto, a variável mais explicativa para esse fenômeno é o campo do poder.

Para Raffestin (1993, p. 53):

O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois pólos fazem face um ao outro ou se confrontam. As formas de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo do poder. O campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações. (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

Para o autor, a geografia parece ter sido sensível à linguagem espacial de um poder que, segundo Foucault (2012), não se detém, mas se exerce. Além disso, sobre os problemas de identidade regional e sobre todos os conflitos que podem ocorrer entre ela e a identidade nacional, haveria muita coisa a dizer (FOUCAULT, 2012, p. 256 e 257).

Portanto, o neopopulismo deve ser levado a sério, pois expressa realidades sociais marcadas por sentimentos de frustração, ressentimentos e rancor devido à variável econômica (ARENDRT, 2008, p. 222). Nesse caso, os resultados das urnas se tornam razoáveis. .

Desse modo, o caso da Polônia pode ser uma variável no que tange ao neopopulismo, ou seja, o seu crescimento econômico chama atenção e o país continua crescendo mesmo depois da sua transição política do socialismo para o capitalismo e da crise econômica de 2008 que varreu o continente europeu. Porém, nas últimas eleições, o partido conservador de extrema direita de base católica foi o grande vencedor nas urnas polonesas.

Portanto, os partidos conservadores de direita e extrema direita que dão origem ao neopopulismo na Europa e nos EUA, se afastam da discussão religiosa e se apoiam nos valores liberais, que remete às ideias napoleônicas de uma república liberal – tributária da Revolução Francesa. Entretanto, na América Latina, tal fenômeno segue em direção contrária, ou seja, se forjam através de um discurso fundamentalista religioso e autoritário, pregando o ódio e a intolerância às minorias.

No entanto, esse processo pode ser observado como pura estratégia eleitoral, para ocupar os espaços de poder e de tomadas de decisão na América Latina. Assim, as elites partidárias dos partidos mais tradicionais não ouvem os ecos das ruas, os sentimentos das classes mais baixas – inclusive da classe média, bem como os resultados das urnas.

Como exemplo recente a corrida presidencial nos EUA, que resultou na vitória do candidato republicano Donald Trump, que venceu o pleito de forma isolada. O candidato

não teve o apoio do seu partido, de segmentos da imprensa, artistas, intelectuais etc., ou seja, sua vitória nas urnas pode ser atribuída exclusivamente a ele, um candidato que venceu contra tudo e contra todos.

Disputando as eleições com Donald Trump, a candidata democrática Hillary Clinton, apoiada pelo presidente Barack Obama, que confiou nos levantamentos realizados pelas pesquisas de opinião pública, mas esqueceu-se de analisar as mudanças ocorridas na sociedade estadunidense nas últimas décadas. Nesse caso, durante todo o processo eleitoral, a democrática não conseguiu se conectar com a maioria dos *sentimentos* dos eleitores, nem mesmo com os eleitores que elegeram por duas vezes o primeiro presidente negro dos EUA, que deixou o governo com alto índice de popularidade.

Existe uma ampla massa nos EUA que se sente marginalizada e prejudicada pelo mal estar cultural criado com a presença de imigrantes provenientes da América Latina e do Oriente Médio, o que alimenta sentimentos de frustração, rancor e ódio.

Desse modo, o elemento cultural volta a ser a variável nas disputas eleitorais nos EUA e na Europa, pois os imigrantes são vistos como corpos estranhos em sociedades até antes consideradas homogêneas. Assim, o convívio social com raças diferentes e ameaça de terrorismo, alimentam o medo no lugar da convivência pacífica.

Portanto, o fenômeno eleitoral Donald Trump é uma resposta da massa de trabalhadores estadunidense às estatísticas recentes de desemprego nos EUA. Nos últimos quinze anos, as empresas dos EUA eliminaram mais de três milhões de postos de trabalho no país e criaram dois milhões e meio de empregos em outros países.

Portanto, o discurso do Donald Trump é uma resposta legítima ao anseio de uma massa que se encontra desempregada. Então, quando o presidente republicano fala em construir o muro, deportação, impor tarifas alfandegárias mais altas aos produtos estrangeiros etc., ele responde aos sentimentos exitosos desta massa.

Bandeiras dos movimentos Neo-Populistas

No presente estudo, se faz necessário identificar as bandeiras dos movimentos neopopulistas e qual o seu alcance político no seio da sociedade. A princípio, a variável econômica e do capital é a principal bandeira desses movimentos, basta voltar os olhares para o caso da Polônia e da Hungria.

Nesse sentido, a crítica comum à economia desse fenômeno político recai na globalização econômica, atual fase do capitalismo que cria desigualdades sociais, vista como

insolúvel. Portanto, o discurso, por expressar a realidade, torna-se potente na grande parcela das sociedades ressentidas.

Em parte, a globalização reduziu desigualdades entre o ocidente e alguns países emergentes do continente Africano, Asiático e Latino-Americano. Houve uma emergência de pobres para classes médias no Brasil, na China, Rússia, Índia e África do Sul, como nunca visto antes na história do mundo. Contudo, na Europa e nos EUA, o fenômeno da globalização econômica aumentou as desigualdades sociais, exemplo disso é o cinturão da ferrugem que deu a vitória ao candidato republicano Donald Trump.

Nesse sentido, à direita sequestrou pra si a defesa do Estado do bem-estar social, bandeira que pertencia apenas à social-democracia e que surgiu ao término da Segunda Guerra Mundial, na Europa. Nesse caso, deve-se considerar o discurso de Marine Le Pen, que defendia a existência do Estado do bem-estar social, porém, pregava a deportação dos imigrantes e a ressignificação da França para os franceses.

Portanto, a grande questão a levantar é a seguinte: no neopopulismo existe resposta para desigualdade social? Inicialmente, não. Não, pela defesa da teoria econômica neoliberal e por ser um grande contrassenso aos princípios do Estado do bem-estar social. Outra incongruência é com relação aos fluxos de comércio e a pregação antiglobalização – apropriação de temas relacionados ao discurso da esquerda.

Nesse sentido, os políticos conservadores que dão origem ao neopopulismo se apoiam na tese de perdas econômicas, manipulação e distorção da informação, se aproveitando da desinformação das grandes massas, grupo conhecido como uma maioria silenciosa, mas que expressa seus sentimentos através do voto. Assim, a pós-verdade eleitoral é mais trágica em si do que os resultados expressos nas urnas.

A resposta realista nas urnas de eleitores às propostas neopopulistas, revela o predomínio do engodo e perdas do bem comum da humanidade (CASTRO, 2009, p. 104). Exemplo disso é o desejo de barrar o fluxo do comércio internacional, de pessoas e da responsabilidade ambiental.

No caso da Europa, pode ocorrer a dissolução da União Europeia, que foi a mais bela construção política diplomática depois da Organização das Nações Unidas. Portanto, quando se olha para chegada dos imigrantes na Europa, percebe a ilusão das promessas populistas de barrar o fluxo de pessoas e a infalibilidade da globalização.

Desse modo, o discurso difere da prática, devido ao econômico, portanto, prevalece o consenso de Washington. Nesse caso, a ideia de que o mercado faria a locação mais eficiente de todos os recursos e vantagens comparativas que cada país pode oferecer.

Do ponto de vista da Geoeconomia, esse processo de mercado se autorregulando é contraditório e ilusório, pois mesmo sendo livre, existira nesse jogo, ganhadores e perdedores. Por sua vez, nas democracias representativas, os perdedores votam e têm voz, fazendo com que parte da nova classe média e das elites percebam o discurso contra o *establishment*⁷ - descontentes com a intervenção do Estado na economia.

O presidenciável republicano Donald Trump, no processo eleitoral, foi sensível e captou essa mensagem de descontentamento de parte da população dos EUA. Tal sentimento dos cidadãos estadunidenses se materializou no discurso desse candidato vencedor. Desse modo, as propostas da candidata democrata Hillary Clinton para migração e comércio internacional foram derrotadas nas urnas.

O fenômeno do neopopulismo obriga os governos a reverem determinadas posições, uma vez que existe uma camada da sociedade descontente. Assim, do ponto de vista simbólico, o presidente Donald Trump, conseguiu responder ao seu eleitor quando assegurou os investimentos da Toyota e da Ford em território estadunidense, que iriam para o México.

Desse modo, a ação do presidente eleito Donald Trump de reverter uma decisão empresarial de investimentos, representa uma demanda existente nas democracias representativas, ou seja, que as decisões políticas e a palavra de um político voltem a ter força. Agora resta saber se o carro que deixou de ser produzido no México terá a mesma competitividade de mercado quando produzido nos EUA.

Gestos em tempos de Incertezas

No decorrer da história, as palavras nos discursos produzidos pelos grandes líderes mundiais e regionais no jogo de poder, serviram posteriormente como material de análises para explicar o caráter e as motivações de suas decisões. Por sua vez, a linguagem política produzidas nos discursos e gestos atuais permite perceber tempos de incertezas.

Para Lasswell (1979, p. 31):

O estilo na linguagem da política varia de acordo com as características da situação de poder. As situações políticas podem ser classificadas segundo o grau de crise que apresentam. Outro critério é o grau de despotismo ou democracia.

⁷ Elite social, econômica e política de um país.

As palavras do autor nos ajudam a compreender que os discursos possuem uma capacidade de mobilizar as grandes massas em situações de crise política ou econômica. Dessa forma, os discursos produzidos por John Kennedy com seu famoso “*Ich bin ein Berliner!*” (eu sou berlinense, *em alemão*), diante de milhares de alemães que haviam visto erguer um muro que dividia a antiga capital alemã em duas metades no auge da Guerra Fria, serviu de esperança.

Na ocasião do discurso, o presidente a época da maior potência econômica do mundo, estava ressaltando o apoio dos Estados Unidos à Alemanha Ocidental - capitalista, 22 meses depois do Estado comunista da Alemanha Oriental, aliado da União Soviética, ter erguido o Muro de Berlim como forma de impedir qualquer passagem de indivíduos entre as regiões orientais e ocidentais do país. Desse modo, o discurso era uma manifestação de solidariedade e um compromisso com a liberdade, um dos princípios fundamentais da democracia.

Por sua vez, os gestos e discursos do presidente Donald Trump, implicam aos outros líderes neopopulistas do mundo, enxergar algo além do vícios das palavras de praxe, ou seja, das frases de conveniência e o empurrão dado no primeiro-ministro de Montenegro, Dusko Markovic, na sua primeira viagem internacional, dando a entender de que só à base de força física poderá se impor sobre outros líderes, indicando uma carência de argumentos.

O longo e duro aperto de mãos que Donald Trump recebeu do presidente francês, Emmanuel Macron, serviu para demonstrar ao neopopulista norte-americano, um gesto de quem não pode se deixar amedrontar por suas demonstrações de força comuns no território político internacional. Dessa forma, os registros pelas lentes da grande imprensa nos aproximam dos meandros do jogo de poder, permitindo enxergar fragilidades que até bem pouco estavam circunscritas apenas nos discursos.

Considerações Finais

O neopopulismo ressurgiu da realidade das vozes silenciosas ressentidas e marcadas pelo sentimento de frustração, havendo um contra senso entre realismo e irrealismo, ou seja, na possibilidade de tornar as sociedades novamente homogêneas, quando realmente nunca foram.

O que mais chama atenção nesse fenômeno político é a admiração que seus líderes políticos, Donald Trump e Marie Le Pen, declararam durante a campanha eleitoral, ter pelo presidente russo Vladimir Putin, considerado internacionalmente como sendo um líder autoritário.

Portanto, as democracias correm riscos mediante as grandes conquistas civilizatórias, que têm um aspecto profundamente econômico decorrente da dimensão da globalização. Por outro lado, existe o aspecto moral dos direitos humanos que ficaram caros para agenda internacional.

Nesse sentido, quando a civilização se ergue por essas duas colunas, ou seja, econômico e de respeito aos direitos humanos, os populistas seguem na contra mão, prometendo mudanças ao ponto de confrontar-se com o que está previsto na Carta de Direitos Humanos. Além de prometer o retorno de milagres econômicos como ocorridos no passado.

Portanto, o grande risco de possibilidade real dos neopopulistas é frustrar seu eleitorado com a falência da agenda econômica em detrimento da agenda política. Exemplo disso são os governos de direita que reapareceram no continente latino-americano, em contraposição ao ciclo de governos de esquerda que varreu a América Latina nas últimas três décadas. Desse modo, o neopopulismo está ressurgindo no continente através de variáveis distintas.

Neste sentido, o populismo se torna um instrumento, quase um recurso político para se ocupar os espaços de poder e de tomada de decisões. Essa fórmula na América Latina que em geral opera em bloco, passa por fenômenos eleitorais que encontram ressonância mediante os resultados eleitorais.

Do ponto de vista geopolítico, a América Latina retorna aos discursos nacionalistas com contornos caudilhistas e outros até totalitários. Tal fenômeno pode aumentar os riscos de tensão entre as classes sociais nos países latino-americanos.

Quando os efeitos da crise econômica batem à porta dos países emergentes, os discursos populistas ganham ressonância. Contudo, os governos populistas não passam tanto tempo no poder como os governos de cunhos ideológicos, progressistas e democráticos.

Portanto, o processo de crise da representação política em escala regional, abre espaço para fenômenos eleitorais de cunho neopopulista que obtém resultados positivos nas urnas. No entanto, entra-se numa rota de retrocessos políticos incalculáveis e numa escala mundial, podendo-se enfrentar um futuro autoritário e sombrio ao estilo de George Orwell.

Referências

ARENDDT, H. **A promessa da política**. KOHN, J. (Org.); JORGENSEN JR, P. (Trad.). Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

CASSIRER, E. **O mito do Estado**. CABRAL, A. (Trad.). 1. ed. São Paulo: Codex, 2003.

- CASTRO, I. E. **Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- CLAVAL, P. **Espaço e Poder**. DUTRA, W. (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. PIMENTA, M. C. A.; PIMENTA, J. A. (Trad.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. MACHADO, R. (Org.). 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FREDERICO, C. **A consciência operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1979.
- HOBBSBAWM, E. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. SANTARRITA, M. (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LASSWELL, Harold Dwight. **A linguagem da Política**. Trad. Lúcia Dauster Vivacque e Silva e Sônia de Castro Neves. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.
- LYNCH, J. **Caudillos en Hispano-América: 1800-1850**. GUTMAN, M. R. (Trad.). Madrid: Mapfre, 1993.
- MAGNOLI, D. **Liberdade versus igualdade. O mundo em desordem (1914 – 1945)**. Rio de Janeiro: Record, v. 1, 2011.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. FRANÇA, M. C. (Trad.). São Paulo: Ática, 1993.
- TOURAINÉ, A. As possibilidades da democracia na América Latina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 5-15, março de 1986.
- WEBER, M. **Três tipos de poder e outros escritos**. MORÃO, A. F. P. (Trad.). Lisboa: Tribuna da História, 2005.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução: BARBOSA, R.; BARBOSA, K. E. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.